


# UMA PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE A VIVÊNCIA ESPACIAL DOS DISCENTES DO IFTM CAMPUS PATOS DE MINAS/MG CONSTRUÍDA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

A PROBLEMATIZATION ABOUT THE LIVED SPACE OF STUDENTS AT IFTM – CAMPUS PATOS DE MINAS/MG CONSTRUCTED DURING THE COVID-19 PANDEMY


UNA PROBLEMATIZACIÓN SOBRE LA VIVENCIA ESPACIAL DE LOS DISCENTES DEL IFTM - CAMPUS PATOS DE MINAS-MG, CONSTRUÍDA MIENTRAS LA PANDEMIA DEL COVID-19

**Douglas Emiliano Januario Monteiro<sup>1</sup>**

 0000-0001-8601-8700


[douglas.monteiro@ifmg.edu.br](mailto:douglas.monteiro@ifmg.edu.br)

**Terezinha Rosa de Aguiar de Souza<sup>2</sup>**

 0000-0002-5605-9760

[terezinhaaguiar@iftm.edu.br](mailto:terezinhaaguiar@iftm.edu.br)

**José Antônio Souza de Deus<sup>3</sup>**

 0000-0002-1737-4960

[jantoniosdeus@uol.com.br](mailto:jantoniosdeus@uol.com.br)

---

1 Professor/IFMG- Campus Arcos; licenciado em Geografia e Mestre em Extensão Rural/UFV; doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia-IGC/UFMG. Trabalha com as geografias Escolar e Cultural e com populações afro-brasileiras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8601-8700>. E-mail: [douglas.monteiro@ifmg.edu.br](mailto:douglas.monteiro@ifmg.edu.br).

2 Professora dos ensinos básico, técnico e tecnológico nas disciplinas de Gestão/IFTM-Campus Paracatu; Bacharel em Administração/UFV e Mestre em Educação/UnB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5605-9760>. E-mail: [terezinhaaguiar@iftm.edu.br](mailto:terezinhaaguiar@iftm.edu.br).

3 Prof. Associado IV (1982) e Dr. em Ciências/Geografia-UFRJ (2003), credenciado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia-IGC/UFMG, onde orienta pesquisas sobre comunidades tradicionais domiciliadas no Vale do Jequitinhonha, Quadrilátero Ferrífero e RMBH. Trabalhou na Amazônia brasileira (AC/RO), de 1986 a 2013, investigando a territorialidade indígena. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1737-4960>. E-mail: [jantoniosdeus@uol.com.br](mailto:jantoniosdeus@uol.com.br).

Artigo recebido em abril de 2022 e aceito para publicação em setembro de 2022.



Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

**RESUMO:** Muitas abordagens recentes no âmbito do Conhecimento Geográfico têm se concentrado no estudo das relações que as pessoas estabelecem com o seu **espaço vivido**. Por outro lado, a escola se mostra como um espaço no qual a categoria conceitual do Lugar pode ser investigada a partir da verificação da vivência das pessoas ali desenvolvida. O objetivo desse artigo foi analisar Mapas Mentais elaborados por 58 estudantes de uma instituição pública de ensino, no contexto particular de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19. Diante dos lugares mais citados por esses atores, a saber, a casa e o quarto, verificou-se que, no contexto pandêmico, lugares que antes talvez não constituíssem objetos de preferência/referências passaram a assumir esse papel. E embora os participantes tenham apresentado, em suas representações de Lugar, espaços similares, percebeu-se uma individualização desses espaços para cada um quando descreveram os significados assumidos por estes espaços vividos.

**Palavras-chave:** Lugar. Mapas Mentais. Metodologias Ativas.

**ABSTRACT:** Many approaches situated in geographical Knowledge's field have recently focused on the study of the relationships that people establish with their lived space and postulate that School also shows itself like a space in which the conceptual category of the Place can be investigated, based on the verification of people's experience developed there. The aim of this paper was analyzing the Mental Maps prepared by 58 high school students at the public educational institution, in the particular context of social isolation caused by the Covid-19 pandemic. In front of the places most cited by these actors, namely, the house and the bedroom, it was still observed in the pandemic context, that places that previously might not have been objects of preference/references to people, began to assume this role. And although the participants have presented, in their representations of Place, similar spaces, it was noticed that there was an individualization of these spaces for each person when they described the meanings assumed for them by these spaces they experienced.

**Keywords:** Place. Mental Maps. Active Methodologies.

**RESUMEN:** Muchos abordajes en el ámbito del conocimiento geográfico tienen se concentrado y se especializado en estudiar las relaciones que las personas establecen con el sitio en que viven. Así, la escuela se demuestra como un espacio del saber en distintas interfaces del conocimiento, lo que permite trabajar la categoría conceptual del Lugar a partir de la vivencia de las personas. El objetivo de este artículo fue analizar los Mapas Mentales hechos por 58 estudiantes del institución educativa pública en el contexto del aislamiento social por la pandemia del Covid-19. Frente los lugares más citados, a saber, la vivienda y la habitación, foi observado que el contexto de la pandemia puso en destaque Lugares que antes tal vez no fueran objeto de preferencia o referencias a las personas. Aunque, los participantes hayan presentado sitios semejantes en sus representaciones, puede darse cuenta una individualidad cuando describen los significados por ellos asumidos por esos lugares en que viven.

**Palabras clave:** Lugar. Mapas mentales. Metodologías activas.

## INTRODUÇÃO

Muitas abordagens no âmbito do conhecimento geográfico têm se concentrado e se especializado, há muito tempo, em estudar as relações que as pessoas estabelecem com o lugar, ou seja, com o seu espaço vivido. Por outro lado, acredita-se que a Geografia, enquanto disciplina escolar, assume um papel importante e estratégico no sentido de ter a potencialidade de tornar as pessoas conscientes de sua realidade, tornando-as construtoras de sua própria história. Tudo isso requer, contudo, que o profissional de educação, trabalhando numa perspectiva dialógica com os educandos, tenha um conhecimento específico e experimente um amadurecimento intelectual que lhe permita fazer reflexões sobre a dinâmica e as ressignificações dos acontecimentos atuais.

Nesta busca, destaca-se Tuan, ao classicamente postular que a Geografia tem que entender o mundo de forma mais humana, “(...) através do estudo das relações das pessoas com a natureza, de seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1982, p. 143).

Nesta perspectiva, vale ressaltar que a escola se manifesta como um espaço do saber em diferentes interfaces do conhecimento, o que permite trabalhar a categoria conceitual do Lugar a partir da vivência das pessoas, especialmente quanto àquelas que social e historicamente tiveram pouca visibilidade na construção e apropriação do espaço em obras clássicas e nos materiais pedagógicos e didáticos. Nesse contexto, ao admitir que existam diferentes grupos que compõem a sociedade, a escola poderá ser encarada essencialmente como plural, contraditória e polissêmica, o que implicará na necessidade de formular diferentes projetos político-pedagógicos, tornando-a, potencialmente, um espaço de transformação social ao discutir temas e princípios democráticos (MEC/ SEF, 1998).

Neste cenário, as investigações e práticas geográficas assumem um papel relevante e específico em termos de práxis educativa de intervenção social, pois, além de ajudar a compreender como a sociedade humana interage com o ambiente natural, a disciplina ajuda ainda a elucidar como os vínculos afetivos de cada pessoa se estabelecem em cada Lugar.

É relevante assinalar, a propósito, que a Base Nacional Curricular Comum, documento que normatiza as propostas pedagógicas das instituições de ensino no Brasil, registra que o aluno deve ser o protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem (BRASIL, 2018). E, dessa forma, importa que o aluno participe de toda a construção do espaço em seu ambiente de aprendizado, fazendo com que ele se sinta parte integrante dele.

Conforme pontuam Lopes e Ribeiro (2018), o protagonismo é um processo que distancia o estudante do mero aprendizado passivo e faz dele um elemento ativo no processo ensino-aprendizado, através de ideias, críticas, sugestões e proposições de novos caminhos, atuando de forma a mudar o contexto escolar. Esse viés possibilita que o aluno obtenha mais autonomia e valoriza o seu pensamento crítico, além de estimular a sua criatividade. Tudo isso, contribui para o processo formativo do aluno não somente no aspecto escolar, como também no contexto socioemocional..

Nessa perspectiva, o presente artigo apresenta a descrição de um projeto de ensino denominado “O lugar no período pandêmico e suas expectativas”, cujo objetivo

foi, através da análise de Mapas Mentais elaborados por estudantes do Ensino Médio, expressar o Lugar, na perspectiva da Geografia Humanista, tal como ele foi vivenciado por tais atores no contexto de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19. Tal realidade é problematizada, sobretudo, à luz da discussão de concepções e postulados de pesquisadores das Geografias Cultural e Humanística, brasileiros e internacionais (RELPH, 1979; TUAN, 1982, 1983, 2012; WAGNER; MIKESELL, 2007). Também se procurou problematizar, em paralelo, sobre a vivência de tal experiência no contexto da conjuntura política atual do país.

A atividade proposta pelo projeto de ensino foi desenvolvida no mês de dezembro de 2020, constituindo-se como critério avaliativo para o encerramento do ano letivo. Destaca-se que foi realizada pela modalidade Ensino Remoto Emergencial (ERE), cujas atividades foram divulgadas na plataforma virtual *Google Classroom*, utilizada pelos alunos para as postarem de forma remota, em virtude da pandemia.

Os educandos foram orientados acerca do desenvolvimento da atividade, seguida da postagem, e tiveram uma aula teórica com material escrito e vídeos com o intuito de auxiliá-los a elucidar os significados do Lugar na perspectiva da Geografia. O objetivo da atividade foi trabalhar a referência conceitual geográfica a partir dos elementos da própria vivência deles. Nesse ínterim, vale ressaltar que, conforme apontam Diesel, Baldez e Martins (2017), o aprendizado contextualizado à prática realça a utilidade da escola, propiciando que esse processo seja dotado de um sentido de vivência para os estudantes.

Nesse sentido, buscou-se aplicar uma atividade que tivesse referências voltadas às metodologias ativas que constituem ferramentas de ensino-aprendizagem que têm, aliás, se destacado nas instituições de ensino, estando voltadas a colocar o estudante como agente ativo em seu processo de vivência da Geografia escolar, estimulando-o a participar da construção do seu saber.

É importante ressaltar, a propósito, que na perspectiva de Ritcher (2011), a escola precisa ser uma instituição provedora dos elementos indispensáveis que viabilizem que os alunos consigam compreender o meio em que vivem e relacioná-lo aos fatos e fenômenos que atuam nas estruturas sociais, econômicas e culturais existentes, a fim de que eles tenham a base necessária para transformarem a sua realidade.

### **Metodologias ativas e mapas mentais**

As metodologias ativas constituem um método de ensino-aprendizagem que se diferencia do método tradicional. Enquanto neste último se prioriza a transmissão de conteúdo centrada no professor, naquelas o estudante é que está no centro do processo, e o conhecimento é construído de forma colaborativa (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017). E é nessa perspectiva que a autonomia dos estudantes pode ser desenvolvida: a partir da construção da sala de aula como um espaço de interação entre o aluno e demais elementos que possam contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, como o debate, a curiosidade e o questionamento (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017).

As metodologias ativas, com seu caráter disruptivo, são a oportunidade de um novo ciclo no processo de ensino-aprendizagem brasileiro, uma vez que buscam suprir as necessidades dos alunos que não são contempladas apenas pelos métodos tradicionais (MACIEL *et al.*, 2011). Ainda, constituem um processo de ativação do aprendizado dos estudantes, na medida em que os colocam no centro desse processo, contrariando os processos tradicionais, os quais colocam o aluno apenas como um expectador. Vale ressaltar, ainda, que tais metodologias contribuem significativamente para a construção da autonomia e da motivação estudantil, haja vista produzir no aluno o sentimento de pertencimento e colaboração no processo de aprendizado (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017).

As metodologias ativas, como apontam Zaluski e Oliveira (2018), atuam no sentido de ultrapassar o método tradicional de ensino, exclusivamente técnico, contribuindo para a formação de um sujeito mais crítico, reflexivo e humanizado, que procura transformar o espaço onde está inserido. Ainda, a participação dos alunos no processo de aprendizado traz a fluidez e a essência inerentes e necessárias ao processo. Aliás, existem evidências consideráveis acerca da importância assumida pelo envolvimento do aluno na eficácia dos resultados da aprendizagem. As metodologias ativas, apesar de não serem a solução para todos os problemas, se chocam com os métodos tradicionais e apontam para uma nova metodologia, em que os docentes transformam seu modo de ensinar visando a alcançar aquilo que realmente irá funcionar (PRINCE, 2004).

Para atingir o objetivo proposto de buscar elucidar, a partir da avaliação das experiências e percepções dos discentes, o Lugar no contexto pandêmico utilizou-se como recurso metodológico essencial o Mapa Mental, mediante o emprego de estratégias lúdicas (elaboração de desenhos) para capacitar e obter suas representações espaciais na ordem subjetiva e concreta. Nesse âmbito é preciso ressaltar que o termo “representação” é compreendido aqui como “o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a outro objeto, fenômeno relevante ou realidade” (KOZEL, 2005, p. 140-141)<sup>4</sup>.

É interessante notar que esses mapas são desenhos construídos a partir das observações sensíveis da experiência humana no Lugar e não se atrelam às informações rigorosamente perceptíveis de fácil observação, uma vez que “a razão objetiva, (...) se refere à existência humana, mesmo que esta não possa ser expressa em categorias de quantidade” (HOLZER, 2006, p. 202). Nesta mesma perspectiva, Alves *et al.* (2021) pontuam que as alterações culturais, percepções visuais, e toda dimensão simbólica humana expressas numa cultura material de ordem não-tecnológica (a exemplo das pinturas rupestres) são elementos que permitem interpretar marcas culturais que se constituem face à materialização dos lugares, bem como das paisagens e que podem ficar visíveis e serem expressas nos mapas mentais.

Conforme aponta, por sua vez, Ritcher (2011, p. 259), “o mapa mental cumpre um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, ao indicar leituras, olhares, reflexões, compreensões, avanços, limites, equívocos, relações, interpretações e análises a respeito do espaço”. Nesse sentido, é importante que o professor compreenda

como essa metodologia poderá contribuir para a formação escolar e para a atuação do indivíduo como um ser social.

Já Archela, Gratão e Trostdorf (2004) expõem que os mapas mentais são imagens internas individuais que representam a espacialidade dos lugares conhecidos a partir de sua situação cotidiana, ou seja, a revelação do lugar vivenciado.

Nesse sentido,

Os mapas mentais são representações do vivido, são os mapas que trocamos ao longo de nossa história com os lugares de experiência. No mapa mental, a representação do saber recebido, o lugar se apresenta tal como ele é, com sua forma, histórias concretas e simbólicas, cujo imaginário é reconhecido como uma forma de apreensão do lugar (NOGUEIRA, 1994 *apud* SIMIELLI, 1999, p. 128).

Alves *et al.* (2021) esclarecem, por sua vez, que os indivíduos, com suas limitações, competências e habilidades, se comunicam por um processo geocognitivo e, nesse âmbito, os mapas mentais assumem um importante papel no processo de construção/mediação dos corpos ao longo do processo através do qual eles se situam ou se assentam em referências geografias internas, construídas a partir das próprias vivências individuais.

Cavalcanti (1998) esclarece que o mapa mental objetiva avaliar o nível da consciência espacial numa perspectiva de compreender o lugar de vivência. “Podem ser elaborados com objetivos variados, com o intuito de desvendar trajetos, lugares, conceitos e idéias” (KOZEL, 2005, p. 145). E é com a utilização dos sentidos que captam sensações que o sujeito internaliza e constrói um mapa mental de sua realidade e experiência subjetivas. Nesse contexto, a consciência do Sujeito se apresenta através de representações do sagrado, das crenças e dos valores de partilha, nas quais, aliás, os símbolos representam os fenômenos de sua expressão no Lugar.

É nesse sentido que Kozel também assinala que:

(...) percepção acontece de forma diferente entre os indivíduos, isto é, cada pessoa apresenta determinada percepção com relação ao espaço, sua experiência de vida. Esse mundo percebido através da apreensão dos significados provoca a construção mental, na qual a razão não decodifica essas imagens (KOZEL, 2001, p. 37).

E assim, é que este recurso manifesta os valores previamente desenvolvidos pelos indivíduos verificando a imagem que eles possuem do “seu” Lugar. Destaca-se, ainda, que a orientação interpretativa pode variar de acordo com alguns critérios estabelecidos, tais como: aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e etários, cujo resultado constrói diferentes percepções do espaço.

Considerando a compreensão em torno desse instrumento, após a confecção dos mapas mentais, elaborou-se uma categorização dos temas mais recorrentes nesse exercício, a fim de realizar, de forma mais adequada, uma análise das respostas adquiridas. Para isso,

foi utilizada a estratégia denominada como Metodologia Kozel (2008)<sup>5</sup>, cujos principais fundamentos são demonstrados a seguir:

- 1 - Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;
- 2 - Distribuição dos elementos na imagem;
- 3 - Interpretação quanto à especificidade dos ícones;
- 4 - Representação de elementos da paisagem natural e construída; elementos móveis; simbólicos.

Verifica-se que é dessa forma que os mapas mentais fornecem signos e marcas que foram deixadas nos tempos de outrora pelos caminhos da humanidade. Assim é que:

(...) eles nos preparam para comunicar efetivamente informações espaciais; tornam possível ensaiar o comportamento espacial da mente; são dispositivos mnemônicos: quando desejamos memorizar eventos, pessoas ou coisas, eles nos ajudam a saber a sua localização; como são mapas reais, mapas mentais são meios de estruturar e armazenar conhecimento; eles são mundos imaginários, porque permitem retratar lugares não acessíveis para as pessoas (TUAN, 1982, p. 153).

Em síntese, os mapas mentais manifestam o mundo real e são construídos por sujeitos que reproduzem seus Lugares vividos, os quais são imbuídos de significado afetivo para eles (KOZEL; NOGUEIRA, 1999).

### **A importância do Lugar como referência conceitual à geografia cultural e à proposta do trabalho**

A discussão conceitual, em termos de Método que aciona o Lugar como categoria de análise na ciência geográfica, tem sido desenvolvida por geógrafos de abordagem humanista a partir dos anos 1970, os quais têm buscado compreender a essência dos Lugares. Vale ressaltar que, aqui no Brasil, bem como em outros países ocidentais, esta perspectiva da corrente geográfica consolidou-se plenamente no início dos anos 1990 (WAGNER; MIKESSELL, 2007). Nesse ínterim, é pertinente destacar que a adoção do Lugar como categoria geográfica está assentada numa valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente.

A esse respeito, Alves *et al.* (2021) explicitam que é preciso internalizar o espaço como sendo “o seu Lugar” à experiência de sentir-se como parte integrante de experiências vivenciadas e apreendidas de diversas formas e maneiras, num ambiente próximo, incluindo-se aí todas as expressões de emoções experimentadas, sejam elas relacionadas às amizades, conquistas, angústias, alegrias, emoções ou realizações. Assim, o Lugar se manifesta, portanto, como “(...) um arquivo de lembranças afetivas de realizações esplêndidas que inspiram o presente” (TUAN, 1983, p. 171). Ele está, portanto, além de um recorte espacial, uma vez que se apresenta como uma “(...) experiência de envolvimento do homem com o mundo” (RELPH, 1979, p. 19).

Essencialmente, o Lugar é cheio de experimentação, de significados envolventes e, ao longo do tempo, nesta perspectiva emotiva, ele torna-se um espaço íntimo do indivíduo. Carlos (2007), aliás, postula que é no Lugar que se dá a apropriação do espaço por meio do corpo, bem como dos sentidos que as pessoas carregam e vivem. Ainda nesta perspectiva, Marandola Jr. e Hogan (2008) vão ressaltar o Lugar como uma dimensão da vida onde ocorrem as relações sociais, afetivas sendo ele o “epicentro” dos significados da experiência humana.

E é dessa maneira que pode se investigar, a partir da experiência humana, os sentidos, as sensações, as percepções e o aprendizado cognitivos como dimensões da realidade inseparáveis da pessoa em seu corpo e em relação ao mundo que a cerca, manifestando uma relação que é estabelecida entre a sua biografia memorial e as configurações/ condições sociais vigentes no momento da sua existência/ vivência (MARANDOLA JR., 2005).

Nas palavras de Relph (1979), o Lugar está além do sentido geográfico de localização. Não se refere apenas aos objetos e atributos das localizações, mas, sobretudo, ao tipo de experiência e envolvimento com o mundo, estabelecidos a partir da necessidade de raízes e de segurança. Portanto, cada indivíduo estaria inserido num lugar permeado por vontades e experiências que se modificaram de acordo com interesses reconhecidos no tecido social de sua existência. E, dessa forma, nas palavras de Tuan (1983), o cerne do Lugar estaria na percepção, nas experiências e nos valores.

Sobre outra dimensão da realidade aí presente, a intersubjetividade, Holzer (1997) comunica que o corpo, ao se apresentar para o mundo exterior, se reconhece e dialoga com o Outro e com o meio no qual se está inserido. Nesse passo, Holzer (1997) também registra que as dimensões culturais, emocionais, políticas e biológicas permitem estabelecer/construir redes de interação com o meio externo. Assim, mesmo que ocorram mudanças, há sensações e sentimentos de um passado vivenciados pelos indivíduos aí inseridos que permitem que se coloque em pauta a ideia de pertencimento ao Lugar. Ainda nesta perspectiva, a concepção do mundo vivido estaria assentada nas rotinas diárias, nos significados não questionados e determinantes no comportamento humano. Esse viés é interessante para descrever o universo cotidiano dos indivíduos a partir de suas percepções, desejos, lembranças e ações.

É relevante assinalar, inclusive, que os Lugares nem sempre são visualizados pelos limites reconhecíveis da consciência do mundo concreto, uma vez que está se manifesta como uma construção subjetiva internalizada nas práticas cotidianas, e os sujeitos envolvidos não a percebem como tal. Esta consciência só se manifestaria se existisse uma ameaça ao desaparecimento do Lugar. A título de exemplo, poderíamos mencionar a demolição ou a venda de uma casa passada a determinada família por gerações e com a qual, ao longo do tempo, as pessoas haviam criado vínculos afetivos, fazendo com que ela se tornasse um lar; ou, ainda, a derrubada de uma árvore que materializaria um passado da infância de determinada pessoa. Acredita-se, desta forma, que “objetos” como estes que compõem determinados espaços, materializam um passado e sentimentos vividos acionados pelo íntimo da memória dos indivíduos envolvidos.



Assim é que a interpretação da subjetividade é compreendida pela manifestação do sentimento a partir das experiências do Homem, valorizando a sua percepção diante do espaço, construindo uma trilha a ser percorrida, e é desse modo que também se visualiza que as ações deste mesmo homem constituirão a essência do mundo (MERLEAU-PONTY, 1971).

É forçoso destacar, também, que a percepção de cada Lugar poderá se expressar de forma diferente entre indivíduos, a partir de classes sociais diferentes e/ou de outros atributos de origem desses sujeitos, sejam eles do espaço rural ou da cidade (ANDRADE, 1987). Partindo dessa premissa, esse conceito seria particularmente importante para verificar diferenças na relação estabelecida com o Lugar para os educandos de diferentes origens geográficas. Mais uma vez, pode-se demarcar que o Lugar é diferente do conceito de Local. O Lugar é onde se vive, onde os momentos cotidianos se materializam, e, portanto, ele possui um caráter mundial. Já o conceito de Local não admite tal amplitude, pois é representado apenas pelo momento, explicitando-se como uma etapa de um processo (LEITE, 2018).

Na abordagem humanista da Geografia, a referência conceitual vincula-se estreitamente, portanto, a um espaço de manifestação da história do sujeito – e, como classicamente se discute –, à existência de um sentimento de pertencimento quanto a esse espaço. Ele configura a identidade individual do indivíduo, essencialmente construindo, logo, um espaço de relações afetivas (LEITE, 2018).

Leite (2018) ressalta, ainda, que trabalhar com esse conceito na Geografia permitiria que o educando se situe no espaço onde vive, fazendo-o compreender que esse Lugar auxilia na sua construção enquanto membro integrante e ativo da sociedade. Além de favorecer o aprendizado a partir da sistematização daquilo que foi ensinado, serviria de referência para aprendizagens futuras. E, nesse contexto, o professor atuaria como um mediador do Conhecimento, cuja responsabilidade seria a de conhecer o lugar expresso pelo educando, contribuindo para novas construções de diálogos e conhecimentos com ele.

Assumindo tais perspectivas, esse trabalho voltou-se sistematicamente à vertente humanista da categorização do Lugar como explicação argumentativa, uma vez que esse conceito, quando assentado nesta base analítica, traz elementos que permitem verificar os códigos e símbolos mentais que expressam o Lugar como espaço permeado de valores afetivos e de segurança. Vale destacar que propusemos analisar os fenômenos e processos num momento específico: o do contexto pandêmico. Nesse horizonte de discussão (e problematizações), levou-se em consideração, a todo o momento, que “(...) a consciência do Lugar é a consciência do mundo, obtida através do Lugar” (SANTOS, 2005, p. 161).

## **MATERIAIS E MÉTODOS: A MANIFESTAÇÃO DOS LUGARES (COM BREVE HISTÓRICO E FUNCIONAMENTO DO *CAMPUS*)**

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM, criado em 29 de dezembro de 2008, pela Lei n. 11.892, constitui uma Instituição de Educação Superior, Básica e Profissional; pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes áreas do saber. Nesse

sentido, possui como interface a relação dos conhecimentos técnicos e tecnológicos em seu cotidiano escolar. Em 23 de abril de 2013 foi expedida, pelo Ministério da Educação, MEC, a Portaria número 330 que dispõe sobre a autorização de funcionamento do IFTM - *Campus Patos de Minas*<sup>6</sup> (BRASIL, 2008).

A primeira aula inaugural no *Campus Patos de Minas* ocorreu em 02 de setembro de 2013 para os alunos dos Cursos Técnicos em Eletrotécnica e Logística de Nível Médio. A Instituição então criada responde a uma nova missão na sociedade brasileira, que é a de ofertar ensino gratuito e de qualidade para as pessoas que demandam pelos seus serviços. A área de atuação do IFTM abrange toda a Mesorregião do Triângulo Mineiro (Ituiutaba, Campina Verde, Uberaba e Uberlândia), Alto Paranaíba (Patos de Minas) e parte da Mesorregião Noroeste de Minas (Paracatu).

O trabalho educacional desenvolvido no *Campus* em questão baseia-se nos princípios norteadores a partir de uma

(...) educação profissional integrada e articulada ao trabalho, ciência, tecnologia e à cultura, este curso propiciará a formação de profissionais cientes de sua condição de cidadãos comprometidos com princípios éticos, inserção histórico-social (dignidade humana, respeito mútuo, responsabilidade, solidariedade), envolvimento com as questões ambientais e compromissos com a sociedade (BRASIL, 2008, p. 20).

Atualmente, o *Campus Patos de Minas* oferece cursos técnicos na modalidade integrada, que são representados pelos cursos de Mineração, Logística, Eletrotécnica e Agroecologia. Nesta modalidade, o ensino é ofertado paralelamente aos conteúdos da base comum do Ensino Médio. Também são ofertados os mesmos cursos para alunos que já concluíram esse nível de ensino, além do curso superior em Administração.

Os cursos técnicos integrados são oferecidos nos períodos matutino e vespertino, presencialmente, ao longo de três anos. Contudo, em virtude da Covid-19 o ensino foi oferecido virtualmente com aulas *online* síncronas e assíncronas de 60 minutos, sendo estas últimas utilizadas para orientação e apoio pedagógico, e as primeiras utilizadas para explanação do conteúdo escolar. A plataforma digital utilizada para o ambiente escolar foi o *Google Classroom*.

O trabalho foi desenvolvido durante o mês de dezembro de 2020 como atividade avaliativa para encerramento do ano letivo. Inicialmente, foi efetuada a exposição da base conceitual sobre o Lugar por meio de uma aula *online*, bem como foi efetuada a postagem de textos complementares para subsidiar os alunos no desenvolvimento da atividade. A seguir, foi proposta a atividade, em que os alunos, através da elaboração dos mapas mentais e de uma breve descrição deles, deveriam apresentar o Lugar que eles consideravam que tinha se tornado mais representativo em termos de vivência para eles no período pandêmico.

A proposta foi direcionada para 109 educandos dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio e foram recebidos, em retorno, 58 trabalhos (53% do total), sendo 23

representantes do Curso de Logística, 13 da Eletrotécnica e 22 da Mineração. Embora seja uma quantidade expressiva, considera-se que a experiência didática vivida, em que se observou que 47% dos respondentes tenham optado por não participar do trabalho, revela a exaustão dos estudantes com o ritmo intenso das atividades acadêmicas desenvolvidas no período, pois a modalidade remota no *Campus* Patos de Minas iniciou-se no final de março de 2020. Os estudantes tiveram em torno de 32 aulas síncronas, via *Google Meet*, distribuídas na semana, além das atividades extraclasse e orientação assíncrona feita por cada professor de sua respectiva unidade curricular.

Os resultados obtidos com a pesquisa foram expostos em três tabelas, sendo explicitado cada resultado por curso analisado. Ainda, foram selecionados alguns depoimentos e os mapas mentais elaborados pelos alunos para análise, com o intuito de enfatizar e problematizar sobre os resultados encontrados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES: MAPAS MENTAIS E DESCRIÇÃO DE LUGAR NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS DO CURSO TÉCNICO EM LOGÍSTICA

A Tabela 1 mostra a configuração/ composição, em termos quantitativos, dos ícones que apareceram nos mapas mentais, distribuídos por curso e sexo dos estudantes do curso Técnico em Logística.

**Tabela 1.** Ícones dos mapas mentais do curso Técnico em Logística.

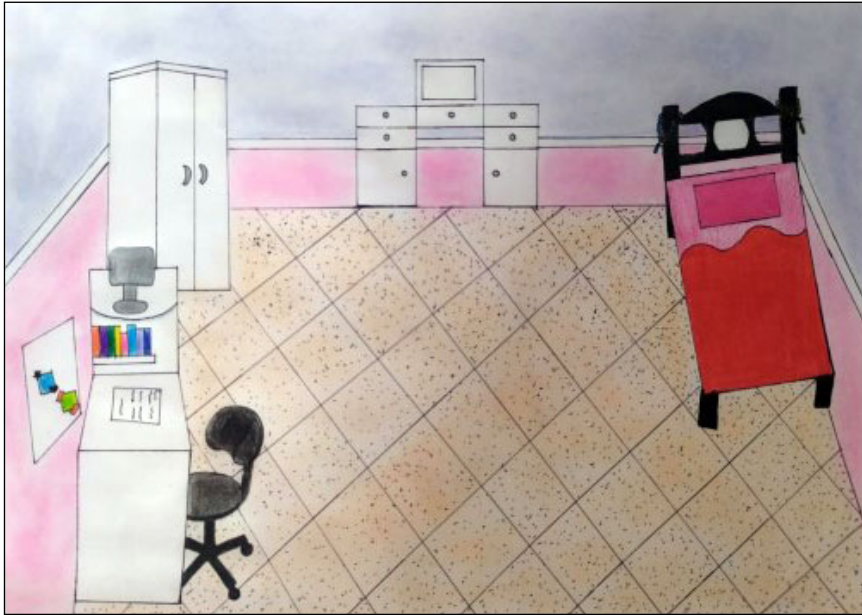
Sexo	Quarto	Casa	Fazenda	Cozinha	Total
Masculino	4	5			9
Feminino	7	3	3	1	14
Total	11	8	3	1	23

Fonte: Dados da pesquisa.

Quando analisados os dados acima, é possível verificar que houve uma participação maior dos educandos do sexo feminino do referido curso, totalizando 61% dos participantes no processo (e 39% para o sexo masculino). Em relação aos ícones, percebe-se um número expressivo com aqueles relacionados com os espaços privados, divididos entre os ambientes quarto e casa, que totalizaram 83% das respostas.

Tal realidade presumivelmente remete às práticas de distanciamento social que tiveram que ser adotadas durante o período pandêmico de Covid-19, com o objetivo de conter a expansão da pandemia e a propagação do vírus. Nesse contexto, a principal recomendação das autoridades sanitárias para as pessoas foi a de que permanecessem em casa, distanciando-se de aglomerações e de que apenas saíssem quando houvesse real necessidade. Assim, diante da necessidade e da obrigatoriedade de ficar em casa, presumivelmente, o Lugar com o qual os alunos mais se identificaram durante a pandemia foi o da sua própria casa, especialmente, o seu quarto.

A Figura 1, seguida do relato, é da estudante A. F. L.<sup>7</sup>, que declara ter sido o seu quarto o Lugar no qual foi possível para ela expressar seus sentimentos no período. O quarto acabou configurando-se, nesse contexto, como uma integralização da própria casa, tendo sido considerado pela discente como o seu lar e um Lugar também favorável/propício à reflexão. É importante ressaltar, inclusive, que os resultados foram construídos a partir de concepções de adolescentes, que se encontram diante de diversas descobertas, e os quais tiveram que, repentinamente, mudar sua rotina diária de vida.



Fonte: Atividade Escolar.

**Figura 1.** Quarto.

Assim relata a estudante:

Nesse espaço chorei, sorri, estudei, dancei sozinha e li vários livros. Portanto, sou muito feliz nesse cômodo, ele é o local onde me sinto mais eu [mesma] e que considero meu lar. Passei vários momentos inesquecíveis dentro dele, sonhei com meu futuro e [aí] refleti [sobre] várias situações da minha vida (...) (A. F. L).

Na Figura 2 há uma nova dimensão do Lugar para um sujeito. Nesta representação, a aluna B. F. L. coloca um elemento da natureza como a sua definição de Lugar. Uma árvore, definida por ela como “árvore do pensamento”, transformou-se, no período, num Lugar de referência e vinculado a momentos de reencontros familiares onde as histórias e “causos” são/foram transmitidos aos descendentes.



Fonte: Atividade Escolar.

**Figura 2.** Árvore do Pensamento.

Assim relata a aluna:

Não é um desenho muito elaborado, porém, pensado com muito carinho e feito a partir de muitas lembranças. A árvore representada em primeiro plano é [aquela que] eu e minha família chamamos de “a árvore do pensamento”. Ela fica no alto de um morro, isolada de outras árvores ou algo maior que a cubra ou esconda, e exatamente por esses dois fatores, de lá [se tem] uma vista incrível [da paisagem local]. Além de “participar da família” há muitas gerações, e meus avós contarem muitas histórias relacionadas a isso. Geralmente, vou para a fazenda todos os finais de semana, e sempre separo um tempinho para caminhar até o morro e fazer daquele um momento meu... Apenas [vivenciando] meus pensamentos, Deus, e o barulho dos pássaros. Fazendo isso, sinto que minhas energias se renovam, e assim, esteja preparada para mais uma semana (B. F. L.).

## Mapas mentais e descrição de Lugar dos alunos do curso Técnico em Eletrotécnica

A Tabela 2 mostra a percepção de Lugar expressada pelos discentes do curso técnico em Eletrotécnica, divididos por categoria e sexo.

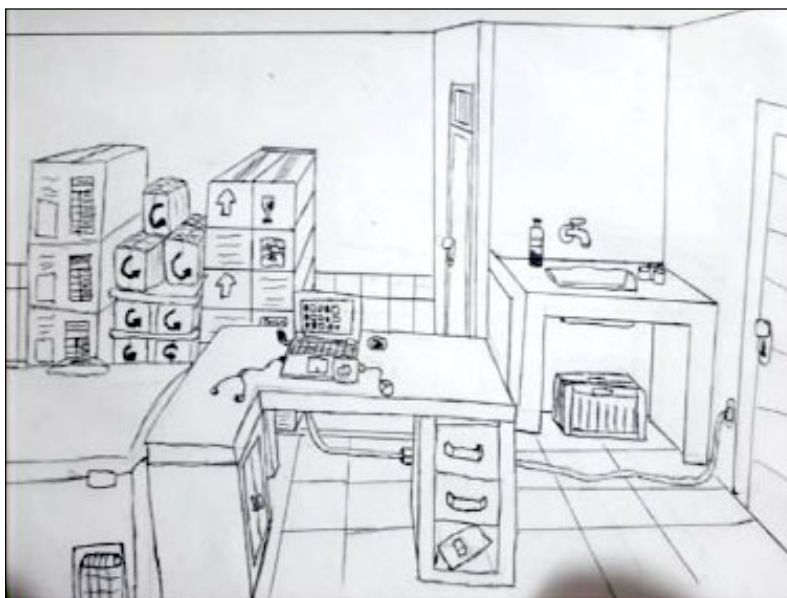
**Tabela 2.** Ícones dos mapas mentais do curso Técnico em Eletrotécnica.

Sexo	Quarto	Casa	Comércio	Total
Masculino	8	2	1	11
Feminino	2	-	-	2
Total	10	2	1	13

Fonte: Dados da pesquisa.

Foram 13 participantes do Curso Técnico em Eletrotécnica (sendo 85% deles do sexo masculino<sup>8</sup>) que apresentaram suas percepções. O ambiente privado também ganhou destaque na vivência espacial desses participantes da pesquisa, no período, tendo o quarto obtido o registro entre 76% dos respondentes; e a casa, 13%.

Já o “comércio” apontado por um dos entrevistados é ilustrado na Figura 3, tendo sido apontado pelo aluno A.M.E. como o Lugar onde ele realizava as suas atividades escolares. Ele ocupava um espaço nos fundos de um estabelecimento comercial mantendo, nessa situação, interação virtual com os colegas e presencial com familiares. O relato do educando aponta, inclusive, que, a partir da mudança repentina no cotidiano escolar, bem como do Lugar onde tradicionalmente realizava suas atividades, vivenciou sentimentos de cansaço diante da falta do convívio com amigos.



Fonte: Atividade Escolar.

**Figura 3.** Comércio.

Assim relata o aluno:

(...) eu jogava RPG D&D ed5 com alguns colegas da minha escola antiga, mas isso cessou devido à pandemia. Esta pandemia foi bem prejudicial à minha saúde física e mental e é capaz de eu ter perdido algumas amizades por falta de contato; eu achei que o ano não seria tão ruim assim e infelizmente foi de fato (A.M.E.).

### Mapas mentais e descrição de Lugar dos alunos do curso Técnico em Mineração

Conforme apresentado na Tabela 3, no Curso Técnico Integrado em Mineração foram apresentados trabalhos com uma participação feminina mais expressiva (59%) do que a de alunos do gênero masculino (41%). Seguindo a mesma representação dos demais cursos e pela questão do isolamento social, o quarto e a casa foram os ambientes vivencialmente mais experimentados nesta atividade pelos estudantes envolvidos na pesquisa tendo ambos, totalizado 95% das respostas apresentadas.

**Tabela 3.** Ícones dos mapas mentais do curso de Técnico em Mineração.

Sexo	Quarto	Casa	Fazenda	Total
Masculino	6	2	1	9
Feminino	7	6	-	13
Total	13	8	1	22

Fonte: Dados da pesquisa.

O depoimento da aluna A. F. M., por sua vez, apresentado na Figura 5, chama a atenção pela ausência de uma vivência do Lugar materializado na casa, visto que, com a sua mudança de domicílio, aconteceu para ela uma ruptura com o Lugar onde se configuravam as relações mantidas por essa educanda com o meio social.



Fonte: Atividade escolar.

**Figura 4.** A casa.

A seguir, o relato da aluna:

Minha casa é o [lugar com] que mais tenho laços afetivos [pois] quando me mudei pra Patos pra estudar, foi o lugar e as pessoas [de] que mais senti falta. Minha família mora em Três Marias, em Minas Gerais. E neste período tão complicado é o lugar em que mais me sinto segura (A. F. M.).

Ressalte-se que esta atividade, além de elucidar o Lugar, expõe também, os sentimentos vivenciados pelos discentes envolvidos na experiência. O quarto foi, nesse contexto, um Lugar importante na vivência de uma “explosão” de sentimentos descrita pela discente B. F. M., pois foi onde ela se deparou com pensamentos e expectativas de uma sociedade melhor. O Lugar que antes era apenas um cômodo utilizado para dormir passou a ser um ambiente de vivência de uma experiência mais dinâmica e vívida (também mais produtiva), bem como de reflexão, de diversão e de planejamento para ela, conforme apresentado na Figura 6:



Fonte: Atividade escolar.

**Figura 5.** Quarto.

Assim relata a aluna:

O lugar [com] que desenvolvi uma relação de afinidade, neste período pandêmico, foi o meu quarto. Nele, estudei muito, assisti filmes e séries com minha mãe, li livros no tapete, dormi, participei de aulas online e brinquei com meus gatos. Meu lugarzinho físico, no mundo terreno, que simboliza refúgio.



O ambiente que foi testemunha de explosões de sentimentos, seja de alegria ou de tristeza, de começos e recomeços. O lugar onde sonhei com uma sociedade utópica, uma sociedade melhor em que tudo fica bem (B. F. M.).

Em síntese, os Lugares mais citados pelos educandos como cruciais para eles, em termos de vivência, no período, foram, portanto, a casa e o quarto. Percebe-se, assim, que a pandemia de Covid-19 e a necessidade de distanciamento social colocaram em evidência Lugares que antes talvez não fossem tão relevantes, ou objetos de preferência das pessoas, nem funcionassem como referências (afetivas, cotidianas, identitárias) para elas. Estar em casa ou passar a maior parte do tempo no quarto passaram a ser atitudes que se fizeram parte do cotidiano da maioria dos respondentes. Nesse âmbito, é possível conjecturar que a pandemia devolveu o Lugar protegido e fortaleceu o seu caráter (“clássico”), de refúgio frente a um mundo perigoso, inseguro e até hostil.

Além da casa e dos cômodos, foram citados nos mapas mentais elaborados também os móveis e artefatos que assumiram significado e maiores representatividades como espaços vividos para tais sujeitos enquanto eles estavam nesses Lugares, dentre os quais podemos citar a cama, a escrivaninha, o sofá, o tapete, a cadeira etc. – todos esses objetos ou equipamentos que passaram a fazer parte do seu convívio no mapa mental apresentado. Muitos desses itens foram retratados como ambientes de conforto, onde se sentiam relaxados. Outros objetos/equipamentos, por sua vez, como a televisão, o computador e o celular, foram retratados como sendo acionados e utilizados em todos os momentos para fazer companhia ou para auxiliar nas atividades escolares.

Mediante o exposto, através dos relatos obtidos, percebeu-se que houve uma experimentação de sensação de conforto e segurança para os sujeitos enquanto estavam em casa, haja vista a situação desafiadora da pandemia, permeada de incertezas e momento em que os ambientes externos não se mostravam seguros. Nesse contexto, muitos retrataram a casa como um espaço onde esse sentimento de segurança e aconchego era preservado ou reestabelecido. Os relatos demonstraram que houve um aumento no sentimento de apego ao Lugar apontado por eles quando comparado ao período anterior à pandemia.

É interessante ressaltar, a propósito, que as pessoas, ao nascerem, têm ao seu redor a segurança familiar e que, juntamente com esses indivíduos (do núcleo familiar), os sujeitos experimentam e apreendem várias sensações e sentidos para conhecerem o seu Lugar, entre os quais pode se destacar a visão, que dimensiona as formas visíveis em referências geográficas construídas a partir de um arcabouço emotivo materializado num determinado espaço (ALVES; DEUS; GOMES, 2013).

Os autores acima referidos reforçam, em seus critérios argumentativos, que a visão é uma experiência do contato da pessoa com o seu entorno, estabelecendo ligações com suas reflexões íntimas e coletivas com o Lugar “ancestral”, o Outro e com a sua memória. E embora esse sentido seja primordial, ele não consegue englobar a totalidade das sensações vividas pelos indivíduos, visto que há a audição, a qual reafirma a emoção, num sentido maior. Em outras palavras, vale ressaltar que o ato de escutar remete a uma partilha de experiências de vida, ao encontro do eu com o próximo.

Convergindo com tais postulados sobre a vivência espacial, Tuan (1983) contribui, por sua vez, com o desenvolvimento da problematização acerca da percepção que envolve os significados atribuídos através dos estímulos sensoriais a partir da realidade existencial experimentada pelos indivíduos. E é na construção desta percepção que estes indivíduos interpretam o seu entorno a partir das manifestações simbólicas, adquirindo nesse processo uma estabilidade em seu íntimo ao longo da sua trajetória de vida.

Compreende-se, pois, que esta estabilidade emocional é construída ao longo da vivência dos mais envolventes tipos de emoção. E ficou particularmente perceptível, ao longo do desenvolvimento da atividade escolar em questão, que ela proporcionou aos discentes momentos de reflexão, nos quais eles puderam externar suas sensações, sentimentos, positivos ou negativos e experiências que tiveram enquanto permaneciam nos espaços citados. Nesse ínterim, os resultados mostraram que o Lugar pode provocar não apenas sentimentos de bem-estar, mas pode também ser reflexo de sentimentos indesejáveis (como cansaço e tédio) pelos sujeitos que o compõem – ou seja, os sujeitos vivenciaram tanto experiências topofílica, como topofóbicas, ao longo dessa nova e desafiadora experiência de enfrentamento da pandemia. Note-se que esse momento poderá gerar aprendizado em termos e ser crucial às vidas destes jovens nesse processo controverso e inesperado de imersão em uma pandemia mundial.

É oportuno salientar, ainda, que por esses mapas mentais terem sido feitos por jovens do Ensino Médio, ficou caracterizado seu ambiente com a presença de objetos/equipamentos que compõem esse universo escolar, no caso, mediados por marcantes sentimentos que estavam envolvidos no contexto da realização de uma atividade vinculada a uma investigação e prática geográfica específicas, incidentes num momento histórico de adversidade e perplexidade inéditas em termos existenciais, cujos contornos políticos mais gerais procuramos, complementarmente, diagnosticar e caracterizar no último segmento deste trabalho, a seguir.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final do trabalho, os resultados deixam evidentes o quanto esse tipo de atividade pode influenciar no processo de aprendizagem dos alunos, pois, além do aprendizado que os alunos vivenciaram quanto à temática do Lugar, eles puderam refletir sobre seus sentimentos enquanto estavam no Lugar citado por eles. No âmbito do trabalho desenvolvido, os alunos já não olharão mais o Lugar que citaram no trabalho apenas como um “cômodo”, parte de uma obra arquitetônica ou de uma edificação, mas como um espaço com o qual criaram afeição, ligando aquilo que foi aprendido com as próprias vivências naquele espaço.

Não obstante a maioria dos participantes tenha apresentado em suas representações de Lugar espaços semelhantes, percebe-se que há uma individualização quando eles descrevem os significados para eles assumidos por estes espaços vividos. Enquanto para alguns o quarto significa um Lugar de conforto, para outros, torna-se Lugar de aprisionamento. Apesar de serem os mesmos ambientes, a percepção de cada discente

sobre o ambiente varia, o que implica dizer que cada Lugar se configura e assume uma representatividade peculiar para cada indivíduo, pois tal percepção dependerá da relação perceptiva do corpo de cada um com seu entorno.

Nesse sentido, ressalta-se a importância desta atividade como um mecanismo a partir do qual os discentes envolvidos puderam, através do aprendizado de um conteúdo da Geografia, expressar sua posição crítica e reflexiva acerca da temática conceitual do Lugar. A implementação dessa metodologia envolveu, assim, o discente como um sujeito desse processo de ensino-aprendizagem, haja vista que foram as respostas dadas por eles que resultaram no objeto da construção do saber.

Nessa perspectiva, é importante destacar Ritcher (2011), o qual esclarece que, muito além da inserção de meros conceitos sobre o espaço geográfico, é necessário que haja relação entre os saberes científicos aprendidos pelos educandos com a compreensão de aspectos do seu cotidiano.

É relevante ressaltar, que a utilização dos mapas mentais e sua análise/ interpretação, bem como a descrição de Lugares, pode ser utilizadas não apenas nas investigações e práticas geográficas, mas serem aplicadas a diversas disciplinas, em que os discentes possam, a partir de imagens, expor suas percepções teórico-reflexivas em relação à sua realidade presente e às temáticas que as compõem. É interessante notar, nesse sentido, as contribuições dadas por pesquisas de arquitetos e turismólogos e que utilizaram mapas mentais, apresentadas em importante coletânea de artigos recentemente organizada por Kozel (2018).

A relação estabelecida entre os significantes (objeto) e significados (representação) da paisagem e do Lugar mostra que o homem possui uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico e a sua representação. A Geografia (sobretudo, as geografias da Percepção e das Representações) vai (vão) se apropriar dessa capacidade construtiva para dar lugar às expressões dos sujeitos. Observa-se que os símbolos internalizados são expressos em diversas formas, em que os graus de importância podem ser os mais variados, pois, quem os vivencia é o sujeito que pode, inclusive, expressar tal sentimento através da linguagem cognitiva.

Desse modo, espera-se que este trabalho possa servir de incentivo e apoio a outros docentes para a utilização das metodologias ativas e mapas mentais em dinâmicas de sala de aula, a fim de buscar a participação estudantil como uma práxis de sujeitos ativos que (re)constróem a sua realidade presente e que estão inseridos na construção do saber e no processo de ensino-aprendizagem.

Ademais, é preciso destacar que a experiência aqui descrita/ discutida – sobre a “insólita” vivência dos estudantes do IFTM, gestada no contexto pandêmico –, se deu num momento de recrudescimento de reconhecimento e de investimentos na educação nacional, em que práticas políticas autoritárias, formadas por um amálgama de reacionarismo político, fundamentalismo religioso<sup>9</sup> e difusão de visões ufanistas e desenvolvimentistas<sup>10</sup> levaram o país a retrocessos ainda não dimensionados e pouco reparáveis. Tais práticas foram capitaneadas por pensadores ultraconservadores e permeadas de um culto “messiânico” à personalidade de líderes arrivistas e truculentos, tendo, conseqüentemente, criado um impasse que deixou a sociedade brasileira atônita e perplexa.

Felizmente, contudo, surgiram e foram paulatinamente se consolidando reações institucionais – por exemplo, do aparato jurídico –, e de massa contra tais forças retrógradas, à medida que instituições e povo foram se conscientizando de que a nação corria sério risco de instabilização política e esgarçamento social e passaram a se mobilizar e se reaglutinar. A partir daí, o horizonte que se abriu à nação, tendencialmente, foi o da superação da hegemonia dos projetos obscurantistas com a sua crescente rejeição de parte da maioria da população e das principais lideranças políticas nacionais (liberais, social-democráticas e socialistas/ trabalhistas etc.) que hoje se rearticulam diante do desafio inédito colocado para o país, a partir de 2019. É para onde vai o Brasil: o país vai se posicionando, de forma progressiva, contrariamente aos projetos extremistas.

Vale ressaltar que a “maré conservadora” não se restringiu ao contexto político nacional, pois forças defensoras de um conservadorismo extremado adquiriram protagonismo noutros quadrantes do globo como na América do Norte e Europa Central/Oriental, por exemplo, representando um colossal desafio às forças democráticas destas regiões e países. O repúdio a este reacionarismo primitivo e visceral já vem se materializando, contudo, em sucessivas vitórias de forças progressistas em disputas eleitorais estratégicas, recentemente ocorridas em países como os Países Baixos (2017), Áustria (2019), Estados Unidos da América (2020), Israel (2021) e Chile (2021).

A onda de fanatismo e elitismo parece arrefecer, portanto, globalmente. E embora países periféricos como o Brasil, Polônia e Hungria pareçam ter permanecido, residualmente, como seus redutos, vale notar – como já sinalizamos – que, em nosso país, também se observam processos de reconfiguração/ reestruturação da cidadania. E nessa nova dinâmica tem estado muito presente a oposição das forças midiáticas e acadêmicas – ou seja, segmentos da sociedade civil, tal qual ela foi definida, classicamente, por Gramsci (BUTTIGIEG, 2020) –, aos posicionamentos irracionais e “negacionistas”<sup>11</sup> veiculados de forma insistente pelos fundamentalistas quanto à pandemia.

## NOTAS

4 A autora é referência no país no que concerne a metodologias de análise e interpretação de mapas mentais (e concretizadas na ótica da “Geografia das Representações”).

5 Bons exemplos de aplicações coerentes dessa metodologia - no caso, remetendo-se à vivência espacial de comunidades tradicionais sediadas em Minas Gerais e/ ou a sua “Dias Neto e Deus (2020).

6 Patos de Minas é um município situado no planalto central do Brasil, na Bacia do Paranaíba, distanciando-se 415 km de Belo Horizonte; sua população é de 150 mil habitantes, sendo famosa pela “Festa Nacional do Milho”. Em relação à cafeicultura, o município integra a região cuja denominação originou o “Café do Cerrado”.

7 A identificação dos participantes da experiência se deu pelas letras iniciais do nome de cada um deles, do sexo e do curso técnico no qual está matriculado. Todos os alunos foram orientados quanto à divulgação do resultado dos seus trabalhos para fins científicos.

8 Destaca-se que o número de matrículas para esse gênero é maior, totalizando 75% no universo de 32 alunos do curso em questão.

9 Igrejas pentecostais/ neopentecostais.

10 Inclusive de avanço sobre a “fronteira” (enviesada por um pensamento marcadamente mercantilista).

11 Podemos definir negacionismo como a rejeição, de forma determinada, a conceitos básicos, solidamente estabelecidos/ apoiados por consenso científico em favor de ideias tanto radicais quanto controversas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. N. R.; DEUS, J. A. S.; GOMES, N. L. Comunidades Quilombolas: Uma Possível Interpretação do Lugar Com o Uso de Mapas Mentais. *In: OLIVEIRA, G. R.; RAMOS, J. F. P.; OKOUDOWA, B. Cá e acolá: experiências e debates multiculturais.* Fortaleza: UFC, 2013, p. 27-57.

ALVES, R. C. *et al.* Mapas mentais e a representação geocognitiva: novas possibilidades instrumentais e metodológicas para a compreensão dos lugares e das paisagens. **InterEspaço**, Grajaú (MA), v. 7, p. 01-24, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202109>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico.** São Paulo: Atlas, 1987. 143 p.

ARCHELA, R. S; GRATÃO, L. H. B.; TROSTDORF, M. A. S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar em geografia. **Londrina**, v. 13, n. 1, p. 127-141, 2004. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf>>. Acesso: 09 mai. 2021.

BRASIL. **Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm)>. Acesso: 10 mai. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso: 09 mai. 2021.

BUTTIYIEG, J. A. Sociedade Civil em Gramsci. **Práxis e Hegemonia Popular**, [s.l.], v. 05, n. 06. p.160-187, 2020. Acesso em 03 de Janeiro 2022. Disponível em: <[revistas.marilia.unesp.br/index.php/article/view/10607/6620](http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/article/view/10607/6620)>.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FLCH, 2007, 85 p.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas: Papirus, 1998. 256 p.

DIAS NETO, J; DEUS, J. A. S. O mapa mental como ferramenta de análise sobre o lugar: a percepção da comunidade Pataxó da terra indígena Fazenda Guarani pela sociedade envolvente. *In: REGO, N., KOZEL, S. Narrativas, Geografias e Cartografias: Para*

Viver é Preciso Espaço e Tempo. Porto Alegre: Editora Compasso Lugar-Cultura/ Editora IGEO-URGS, 2020, v. 1, p. 127-154.

DIESEL, A., BALDEZ, A. L. S., MARTINS, S. N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas (RS), v. 14, n. 1, 268-288, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.268-288.404>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente. **Território**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 77-85, 1997.

HOLZER, W.; HOLZER, S. Cartografia para crianças: qual é o seu lugar? *In*: SEEMANN, J. (org.) **A aventura cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre cartografia humana**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006, p. 201-217.

KOZEL, S. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a “capital ecológica”**. 2001. 316f. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

KOZEL, S. **Mapas mentais: dialogismo e representações**. Curitiba: Editora Appris, 2018, 271 p.

KOZEL, S. Representação e ensino de geografia: contribuições teóricas-metodológicas. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 3, p. 33-48, 2008.

KOZEL, S.; KASHIWAGI, H. O processo de percepção dos espaços marginalizados no urbano: o caso da favela do Parolin em Curitiba-PR. **RA’E GA**, Curitiba, n. 9, p. 69-82, 2005.

KOZEL, S.; NOGUEIRA, A. R. B. Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. **Revista do Departamento de Geografia de São Paulo**, São Paulo, n. 13, p. 239-257, 1999.

LEITE, A. F. O lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 09-20, 1998.

LEITE, C. M. C. O conceito de lugar na perspectiva da Geografia escolar. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí (GO), v. 14, n. 2, p. 01-15, 2018.

LOPES, L. M. M.; RIBEIRO, V.S. O estudante como protagonista da aprendizagem em ambientes inovadores de ensino. CIET: EnPED, **Anais...** São Carlos, 2018. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/556>>. Acesso em: 6 jan. 2022.

MACIEL, C. E. *et al.* Utilização de metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem. XV Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – SEGeT. **Anais....** Resende, 2011. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos18/21926264.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MARANDOLA Jr., E. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 2005.

MEC/ SEF. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares**. Geografia. Brasília: Ministério da Educação e Cultura; Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 156 p.

MELLO, J. B. F. Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p.

91-115,1990.

MERLEAU-PONTY, M. O espaço. *In*: MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971, p. 249-303.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. de M. O Lugar como construção Social. **Revista Formação**, Presidente Prudente, n. 14, v. 2, p.48-60, 2009.

PRINCE, M. Does active learning work? A review of the research. **Journal of Engineering Education**, v. 93, n. 3, p. 223-231, 2004. Disponível em: <[https://www.engr.ncsu.edu/wp-content/uploads/drive/1smSpn4AiHSh8z7a0MHDBwhb\\_JhcoLQmI/2004-Prince\\_AL.pdf](https://www.engr.ncsu.edu/wp-content/uploads/drive/1smSpn4AiHSh8z7a0MHDBwhb_JhcoLQmI/2004-Prince_AL.pdf)>. Acesso em: 06 abri. 2021.

RELPH, E. As Bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro (SP), v. 4, n. 7, p. 03-17, 1979.

RITCHER, D. **O mapa mental no ensino de geografia**: concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. 276 p.

SANTOS, M. Da **Totalidade ao lugar**. São Paulo: EdUSP, 2005. 176 p.

SIMIELLI, M.E.R. Cartografia no ensino fundamental e médio. *In*: CARLOS, A. Fani A. (org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 92-108.

TUAN, Yi-Fu. A Geografia humanística. *In*: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 143-164.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: Difel, 1983. 250 p.

TUAN, Yi-Fu. **Humanist Geography**: an individual's search for meaning. Virginia: George F. Thompson Publishing, 2012. 181p.

ZALUSKI, F. C.; OLIVEIRA, T. D. Metodologias ativas: uma reflexão teórica sobre o processo de ensino-aprendizagem. CIET: EnPED, **Anais...** São Carlos, 2018. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/556>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

WAGNER, P.; MIKESELL, M. Os temas da Geografia cultural. *In*: CÔRREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 27-62.